

**PREVALÊNCIA DE USO DE ANSIOLÍTICOS POR BOMBEIROS MILITARES EM MANAUS**

Karoline Taveira Vasconcelos
Universidade Federal do Amazonas
karoltaveira17@gmail.com

David Lopes Neto
Universidade Federal do Amazonas
davidnetto@uol.com.br

RESUMO

Objetivo: Determinar a prevalência de uso de ansiolíticos por bombeiros militares de Manaus. **Método:** Estudo observacional, transversal, realizado com bombeiros militares do Corpo de Bombeiros Militar do Amazonas (CBMAM), de Manaus, Amazonas. Os dados foram coletados entre maio e junho de 2022, por questionário estruturado, auto preenchido na plataforma on-line Google Forms. O desfecho (uso de ansiolíticos) foi investigado em três grupos: 1. não usuários (não uso); 2. usuários com indicação clínica e sob acompanhamento médico (uso controlado); 3. Usuários sem indicação clínica e/ou acompanhamento médico (uso não controlado). A análise foi realizada por regressão logística multinomial, utilizando o software Statistical Package for the Social Sciences versão 20.0. **Resultados:** A prevalência de uso de ansiolíticos foi de 12,3%, dos quais 10,71% indicaram uso controlado e 1,59% indicaram o uso não controlado. Durante a análise, as associações significativas com o desfecho indicaram maior proporção de consumo entre bombeiros do sexo masculino, cor da pele parda, casados, com filhos e nível superior completo de escolaridade. **Conclusão:** O uso controlado foi maior que o uso não controlado, demonstrando a procura de ajuda por um profissional qualificado. O consumo elevado de ansiolíticos por tais profissionais sugere a necessidade de uma atenção especial dos gestores e órgãos governamentais.

Palavras-Chave: Saúde mental; Fatores de risco; Bombeiros; Enfermagem.



1. INTRODUÇÃO

A utilização desses medicamentos está relacionada com diversos fatores, dentre eles o estresse no ambiente de trabalho. Profissionais como os bombeiros militares exercem suas funções laborais sob alta pressão psicológica e lidam com diversas situações traumáticas, podendo esses fatores serem determinantes na saúde mental desses profissionais, haja vista que as exigências do cotidiano laboral conduzem, muitas vezes, à exacerbação da capacidade de lidar com fortes emoções sem que elas interfiram na saúde desses profissionais (WEINGARTNER R, 2017). Estudo sobre a prevalência do uso de ansiolíticos por bombeiros militares de Belo Horizonte, Minas Gerais, mostrou que a alta prevalência de consumo de ansiolíticos é um alerta para realização de ações de programas de saúde ocupacional devido aos riscos a que estão expostos por trabalharem em altas demandas de ações de emergências e rigor disciplinar e hierárquico que a organização militar impõe (AZEVEDO D, et al., 2019; NATIVIDADE MR e BRASIL V, 2006).

Em decorrência da problemática de uso de ansiolíticos por bombeiros militares, seja para tratamento de ansiedade ou, ainda, por possível uso indiscriminado sem prescrição e sem acompanhamento médico para reverter quadros de ansiedades sem se licenciar do trabalho, emerge como um problema de saúde pública a ser investigado como forma de contribuir com o bem-estar físico e mental desses profissionais para que estes, se em caso de detecção de uso indiscriminado de ansiolíticos, possam ser encaminhados para atendimento médico com todos os seus direitos trabalhistas garantidos, mas, em especial, sua saúde mental restabelecida para que possam desempenhar seus papéis à sociedade. (CAPITANEO D, et al., 2012).

2. OBJETIVO GERAL

Determinar a prevalência de uso de ansiolíticos por bombeiros militares de Manaus.

3. METODOLOGIA

Estudo observacional, analítico, transversal, prospectivo, realizado com bombeiros militares do Corpo de Bombeiros Militar do Amazonas (CBMAM), sediado na cidade de Manaus, estado do Amazonas. Os critérios de elegibilidade dos participantes no estudo foram: ser bombeiro militar lotado no CBMAM; pertencer a uma das posições hierárquicas na corporação; ter sido nomeado há mais de um ano quando da coleta de dados; fazer uso ou não de ansiolítico. Critérios de exclusão: bombeiros militares licenciados por motivos diversos.

Os dados foram coletados entre maio e junho de 2022, por meio de questionário eletrônico, auto preenchido de forma anônima, pela aplicação de instrumento na plataforma on-line Google Forms. Primeiramente, foi enviado um convite por e-mail/WhatsApp para o endereço eletrônico de cada bombeiro militar e em caso de aceite, foi dado prosseguimento às demais seções do questionário. O desfecho (uso de ansiolíticos) foi investigado em três grupos: 1. não usuários (não uso); 2. usuários com indicação clínica e sob acompanhamento médico (uso controlado); 3. usuários sem indicação clínica e/ou acompanhamento médico (uso não controlado).

A variável foi elaborada a partir das respostas para três perguntas, considerando os últimos 12 meses: 1. “Você já fez uso de calmantes (remédios para ansiedade)?”; 2. “Alguma vez um médico lhe informou que você teve ou tem transtorno de ansiedade?”; 3. “Você já fez acompanhamento psiquiátrico?”. O primeiro grupo (“não uso”) está composto pelos bombeiros militares que responderam “não” à primeira pergunta. O segundo (“uso controlado”) está constituído por aqueles que respostas foram positivas para as três perguntas. O terceiro (“uso não controlado”) engloba os participantes com respostas negativas para a segunda e/ou a terceira pergunta. A diferenciação entre os grupos examina empiricamente o cuidado dos participantes vulneráveis ao uso de ansiolíticos, uma vez reconhecida a exposição aos estressores ocupacionais. Sendo assim, está identificada a presença do transtorno mental indicativa de consumo de ansiolíticos (pergunta



2) e é considerada relevante sua identificação se a terapia farmacológica tiver ocorrido na vigência de acompanhamento por profissionais especializados (pergunta 3).

A análise foi realizada pelo software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 20.0, em quatro etapas. A primeira (descritiva) apresenta as frequências das variáveis. A segunda (univariada) verifica prováveis fatores relacionados ao uso controlado e não controlado, considerando valor $p \leq 0,20$. A terceira (multivariada intermediária) inclui as variáveis indicadas na etapa anterior em cada um dos quatro blocos, com retirada manual gradativa conforme o maior valor p , considerando $p \leq 0,10$. A última etapa (multivariada final) agrupa todas as variáveis selecionadas nos modelos intermediários por blocos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra total de bombeiros que participaram da pesquisa foi de 252, onde 199 (79%) eram homens e 53 (21%) eram mulheres, com média de idade de 41,01 anos ($\pm 5,05$ anos). No conjunto de participantes, predominaram as seguintes características: cor da pele parda (74,6%), casados (74,1%), com filhos (81,7%) e mediana de 2 (1 – 6) filhos, nível superior de escolaridade (68,7%) e renda familiar mensal de 6 a 9 salários mínimos (42,5%). Entre os bombeiros, observou-se o predomínio de cabos (39,7%), com tempo de serviço na corporação de 4 a 9 anos (39,7%).

Do total de participantes, 221 (87,7%) relataram não ter feito uso de ansiolíticos nos últimos 12 meses, 31 (12,3%) relataram ter feito o uso desses medicamentos, dos quais 27 (10,71%) indicaram uso controlado e 4 (1,59%) indicaram o uso não controlado. A maioria dos casos que faz uso controlado foi indicado pelo psiquiatra (76,66%), seguido pelo médico clínico geral (16,66%). Em relação a atividade física, 49,6% relataram que praticam exercícios físicos de 3 ou mais vezes por semana. Quando questionados se já enfrentaram algum problema psicológico ou mental 24,2% responderam que sim, 15,9% relataram que foram diagnosticados com transtorno de ansiedade, 17,1% já fez ou faz acompanhamento psiquiátrico ou psicológico, 6,7% relataram ter feito uso de ansiolíticos por menos de 6 meses. Das doenças e sintomas compatíveis com TMC, 35,9% utilizou ansiolíticos para o tratamento do transtorno de ansiedade, seguidos de 25,6% para insônia e depressão.

Durante a análise, as associações significativas com o desfecho indicaram maior proporção de consumo controlado e não controlado entre bombeiros do sexo masculino, cor da pele parda, casados, com filhos e nível superior completo de escolaridade. O uso controlado foi mais significativo em bombeiros com renda familiar entre 6 e 9 salários mínimos, com posto de sargento e tempo de serviço até 3 anos.

Constatou-se associações significativas para o desfecho do consumo controlado e não controlado entre bombeiros que praticavam atividade física 3 ou mais vezes na semana ($r=0,138$; $p<0,05$), que possuem algum problema psicológico ou mental com diagnóstico de ansiedade ($r = 0,642$; $p<0,01$), que fazem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico e que usou/usa o medicamento por menos de 6 meses ($r=0,362$; $p<0,05$) e utilizaram o ansiolítico Clonazepam para o tratamento de ansiedade diagnosticada. O uso não controlado foi mais significativo em bombeiros que não fazem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico ($r= 0,491$; $p<0,01$).

Segundo a correlação de Pearson, foi constatada uma associação significativa negativa e forte entre prática de exercício físico e a necessidade de realizar acompanhamento psiquiátrico ou psicológico, $r = - 0,186$ ($p<0,01$), ou seja, bombeiros que praticam atividade física realizaram menos acompanhamento psicológico, assim como tiveram menos diagnóstico de transtorno de ansiedade, $r = - 0,164$ ($p < 0,01$).

O diagnóstico para transtorno de ansiedade teve relação significativa com uso de ansiolíticos, $r = 0,565$ ($p < 0,01$), dessa forma, os bombeiros com o diagnóstico de transtorno de ansiedade



realizaram maior uso de medicamentos para o tratamento desta enfermidade. Todavia, o fato de realizar o acompanhamento psiquiátrico ou psicológico teve uma correlação significativa negativa e forte com o tempo de uso do medicamento, $r = -0,669$ ($p < 0,01$), desse modo, é possível associar que os indivíduos que procuram a acompanhamento profissionais utilizam por menos tempo estes medicamentos. Acerca dos conhecimentos sobre os medicamentos ansiolíticos, a correlação de Pearson mostra que quanto maior o tempo de corporação, maior é o conhecimento sobre estes medicamentos, $r = 0,371$ ($p < 0,01$), por outro lado, o maior tempo de uso dos medicamentos está relacionado com menos dúvidas acerca do medicamento, $r = -0,787$ ($p < 0,01$).

A prática de atividade física tem um efeito protetor nos desenvolvimentos de problemas psicológicos ou mentais, pessoas que realizam atividade física tem cerca de 37,2% menos chances de desenvolver problemas relacionados à saúde mental quando comparadas aos que não realizam atividade física ao menos 1x na semana, OR = 0,372 (IC 95%: 0,15 – 0,89).

A orientação correta acerca do medicamento, por um profissional da saúde, foi associada com 44,1% de menor chance de utilizar o medicamento de forma prolongada, por mais de 6 meses, OR = 0,441 (IC 95% 0,30 – 0,64), sendo um fator de proteção para o uso prolongado do ansiolítico.

A prevalência do uso de ansiolíticos por bombeiros em Manaus foi de 12,3%, estando acima da taxa de uso por bombeiros em Belo Horizonte (9,9%), divergindo desse estudo, a taxa de uso controlado em Manaus foi maior que a de uso não controlado (AZEVEDO D, et al., 2019). Em comparação com a amostra de trabalhadores com o mesmo estilo operacional, a prevalência foi superior ao de policiais militares com 10% (SOUZA E, et al., 2013).

Quanto ao uso controlado, a prescrição, em sua maioria, foi feita pelo médico psiquiatra, seguido pelo médico clínico geral e neurologista. Em concordância com este fato, uma pesquisa realizada com o objetivo de analisar as indicações clínicas dos ansiolíticos em uma farmácia de dispensação, identificando o tempo de uso, a especialidade médica do prescritor, constatou que a maioria das prescrições eram realizadas por clínico geral (47%), psiquiatra (25%) e neurologista (15,6%). Se tratando dos motivos que levaram ao uso dessa medicação, destacaram-se a ansiedade, depressão e insônia, corroborando com o presente estudo (FÁVERO V, et al., 2017).

Sabe-se que o ambiente de trabalho é um fator determinante na vida de um indivíduo, podendo acarretar no adoecimento mental. Dentre os fatores que podem levar o ambiente de trabalho desencadear o adoecimento mental, destacam-se o estresse, alta carga de trabalho, acidentes, alterações psicossociais, desvalorização, baixa remuneração, dupla jornada e sentimento de frustração ou impotência, a peculiaridade dos bombeiros militares é que eles lidam com diversas situações que afetam o emocional, sendo expostos a esses fatores durante o seu cotidiano os colocam em um estado permanente de tensão psíquica, tendo que lidar com a incerteza de qual ação lhe será exigida para cumprir com seu dever (ALVIM CCE, et al., 2017; MATA NT, et al., 2017; PIRES LAA, et al., 2017).

5. CONCLUSÕES

Os achados desse estudo mostraram que a prevalência de uso de ansiolíticos por bombeiros militares foi maior em Manaus que em Belo Horizonte, sendo superior ao registrado em profissionais da polícia militar. O uso controlado foi maior que o uso não controlado, demonstrando a procura de ajuda por um profissional qualificado como psicólogo ou psiquiatra.

O consumo elevado de ansiolíticos por tais profissionais que lidam com uma grande responsabilidade laboral, correlacionando com relatos dos bombeiros que apontaram carga de trabalho exaustiva e perseguição no ambiente de trabalho, sugere uma atenção especial dos gestores e órgãos governamentais.



REFERÊNCIAS

- ALVIM CCE, et al. Relação entre processo de trabalho e adoecimento mental da equipe de enfermagem. Rev. Fluminense de Extensão Universitária, v. 7, n. 1, p. 12-16, jan./jun. 2017.
- AZEVEDO DSS, et al. Fatores associados ao uso de medicamentos ansiolíticos entre bombeiros militares. Rev. brasileira epidemiologia e190021, 2019. DOI: 10.1590/1980- 549720190021
- CAPITANEIO D, et al. O papel idealizado do bombeiro: e o ser humano por trás da farda?. VITTALLE - Revista de Ciências da Saúde, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 53–68, 2015.
- FÁVERO V, et al. Uso de Ansiolíticos: Abuso ou Necessidade? Repositório Digital Institucional da UFPR. Visão Acadêmica, Curitiba, v.18, n.4, p. 98-106, Out-Dez, 2017.
- LIMA E, et al. Lista de eventos traumáticos ocupacionais para profissionais de emergências: adaptação e validação. Aval. Psicol. Itatiba, v. 15, n. 3, p. 391-401, dez. 2016. <https://doi.org/10.15689/ap.2016.1503.12>.
- MATA NT, et al. Bombeiros militares: um olhar sobre a saúde e violência relacionados com o trabalho. Saúde Debate. Rio de Janeiro, v. 41, n. 112, p. 133-141, jan-mar 2017.
- NATIVIDADE MR, BRASIL V. A escolha profissional entre os bombeiros militares. Rev. bras. orientac. prof, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 37-43, jun. 2006.
- PIRES LAA, et al. Bombeiros militares do Rio de Janeiro: uma análise dos impactos das suas atividades de trabalho sobre sua saúde. Saúde Debate. Rio de Janeiro, v. 41, n. 113, p. 577-590, abr-jun 2017.
- SOUZA E, et al. Consumo de substâncias lícitas e ilícitas por policiais da cidade do Rio de Janeiro. Rev Ciência Saúde Coletiva. v. 18(3). p 66-76. mar 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000300012>
- Weingartner R. Avaliação do nível de estresse dos bombeiros militares que compõem o serviço de atividades técnicas do município de Florianópolis. Revista técnico científica do Corpo de Bombeiros Militar de Santa Catarina, Florianópolis, v. 2, n. 1, maio/out. 2017.

AGRADECIMENTOS

Registra-se o agradecimento ao Corpo de Bombeiros Militar do Amazonas (CBMAM) por receber a equipe de pesquisadores, autorizar e apoiar o estudo e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq - programa de bolsa de iniciação científica).